

INSPETORIA SALESIANA MISSIONÁRIA DA AMAZÔNIA

MANAUS — BRASIL

Manaus, estrada do Aleixo, 25 de março de 1982.

Caríssimos Irmãos de Congregação,
Com a avançada idade de 86 anos, foi para o céu o nosso
caro irmão



Coadj. FRANCISCO RIBEIRO

falecido em
Pari-Cachoeira no dia 17 de janeiro deste ano de 1982.

Fomos colegas desde o aspirantado e Noviciado. Por
isso, de muito bom grado acolhi o pedido feito pelo Pe. Inspetor
de expor alguns traços de sua vida.

Francisco da Matta Ribeiro Leão nasceu a 6 de março de 1896, na cidade de Bom Jardim, diocese de Nazaré da Mata em Pernambuco.

Os pais, Vicente da Matta Ribeiro Leão e Francisca Avelina de Miranda, levaram-no para o Batismo no dia 14 do mesmo mês e lhe deram boa e tradicional educação cristã. Recebeu o Sacramento da Crisma aos 9 anos de idade, em 10 de dezembro de 1905.

Fez os primeiros estudos em Jaboatão. Cursava o Ginásio quando lhe veio a idéia de se fazer Salesiano Coadjutor. Feito o pedido, enviaram-no para Recife, em 1914, e depois para o aspirantado de Lavrinhas, São Paulo.

Em 1920, sempre em Lavrinhas, começamos juntos o Noviciado que naquele tempo era de dois anos. Tivemos como Mestre de Novícios o então Pe. Antônio de Almeida Lustosa, que morreu como Arcebispo resignatário de Fortaleza, e cujas exímias virtudes todos conhecem.

Terminado o Noviciado, o Sr. Francisco voltou para Pernambuco, onde fez a sua primeira Profissão religiosa em 28 de fevereiro de 1922.

Tendo pedido para trabalhar nas Missões do Rio Negro, foi enviado primeiro para Manaus, para o Colégio Dom Bosco, que tinha sido fundado apenas seis meses antes. Trabalhou, pois, com os pioneiros Pe. Pedro Ghislandi e Pe. Agostinho Caballero. Ali fez a sua Profissão perpétua em fevereiro de 1925.

Do Colégio Dom Bosco, foi enviado para Taracúá como primeiro assistente e professor dos alunos Tucanos. Isso em 1928, ano em que esta Missão, iniciada quatro anos antes, obteve a sua existência canônica.

Professor de educação física, acompanhou a Manaus uma turma de indígenas para uma solenidade nacional. Sob a sua direção, os alunos se exibiram garbosamente, pelo que foram muito aplaudidos pelo Governador presente e pelo público, tendo os jornais locais da época publicado extensa reportagem sobre o fato. Depois de visitarem os principais lugares de Manaus, voltaram por via fluvial até Taracúá.

Naqueles tempos as viagens de São Gabriel para cima, nós as fazíamos em canoas ou em batelões a remo. Duravam de 8 a 10 dias até Taracúá; 13 dias até Jauareté. Estas mesmas viagens eram feitas anualmente pelo Pe. Pedro Rota, então Inspetor de todo o Brasil e por Dom Pedro Massa, depois Bispo dessa região.

Numa dessas viagens, devia chegar a Madre Inspetora, muito esperada para a visita às Irmãs. O Sr. Francisco foi sempre muito brincalhão. Preparou uma grande canoa com alguns rapazes e o Coadj. Augusto Framarin e saíram rio abaixo, até virarem a ponta do Tocandira, donde se avista Taracúá para quem vem de São Gabriel. Levava um grande lençol e, sob o sol forte, cobriu com ele a cabeça e uma parte do corpo.

De tempos em tempos, iam algumas meninas à grande pedra de Taracúá perscrutar o rio na direção da ponta de Tocandira. Ao divisarem o batelão com uma "Irmã" à frente, correram sem demora para avisar a todos.

De longe, o Sr. Ribeiro acenava com um lenço, enquanto as meninas, formadas na beira do rio, agitavam as bandeirinhas e davam vivas.

Atrapalhado diante de tão aparatosa recepção, perguntou o Sr. Ribeiro: "E agora, como fazer?" Responde o outro: "Vamos saltar e correr para casa". E assim fizeram, causando grande hilaridade em todos.

Depois de oito anos de atividades em Taracúá, abalado pela malária, foi enviado a São Gabriel por um ano para se recuperar. Aí se distinguiu pelas suas capacidades artísticas e cômicas, fazendo delirar de alegria alunos e população nas bem preparadas peças teatrais.

Barcelos tinha necessidade de um assistente e professor. Para lá o Inspetor Pe. José Selva o enviou. Conquistou logo com seu espírito alegre a confiança dos jovens. Instrutor de educação física, promovia desfiles e diversões muito do agrado do povo.

Ali viveu de 1937 até 1944 se excetuamos a pausa de um ano (1940) em Recife.

A Missão de Santa Isabel o recebe como dispenseiro em 1945. Ali ele trabalhou por 20 anos como homem de confiança

Quando morreu o Pe. Ezequiel, o Sr. Francisco ia todos os dias visitar o seu túmulo no cemitério de Pari-Cachoeira. Nenhum dia deixou de fazê-lo, até que ficou hospitalizado na metade de 1980.

Pe. Antônio Scolaro costumava dizer que o Sr. Francisco era um homem santo e que rezava muito. Com seu exemplo e sua oração, ajudou muito a nós, sacerdotes”.

Hoje ele repousa ao lado do Pe. Ezequiel no mesmo cemitério da Missão onde viveu e que tanto amou. E nos ajuda de lá do céu com sua intercessão. Rezemos por sua alma e pelos que continuam a sua luta apostólica, seguindo o seu exemplo.

Coadj. Theotônio Ferreira
Salesiano

Dados para o Necrológico:

Coadj. FRANCISCO RIBEIRO

* 06 de março de 1896 em Bom Jardim (Pernambuco) — Brasil
e

+ 17 de janeiro de 1982 em Pari-Cachoeira (Amazonas) —
Brasil, com 86 anos de idade e 60 de Profissão Religiosa.

bondosas Irmãs de Pari-Cachoeira. De quando em quando, fazia-nos rir com suas graças, pois mesmo doente não deixava de as soltar.

Quem escreve essas linhas estava presente em Pari-Cachoeira quando o Sr. Ribeiro sofreu a queda e posso afirmar que, apesar das dores que sofria, sempre o encontrei tranquilo e sorridente, imagem viva do Salesiano realizado. Em fevereiro deste ano ele completaria 60 anos de vida religiosa.

Transcrevo agora a relação dos acontecimentos dos seus últimos dias de vida, conforme carta do Pe. Norberto Hohenscherer, que o assistiu:

“17.01.82: Quando voltei do Retiro em novembro, notei que o Sr. Francisco Ribeiro estava ficando cada vez mais fraco. Suas forças diminuam visivelmente dia por dia.

Antes ele rezava com voz forte quando lhe trazíamos a S. Comunhão; agora a voz ficava cada dia mais sumida. Quando voltei das reuniões da Diocese em São Gabriel (3 a 12 de janeiro) o Sr. Francisco somente movimentava os lábios na hora em que rezei com ele o Pai Nosso antes da Comunhão. Não tinha mais força para falar.

No dia 15, ainda conseguiu comungar. Pouco mais tarde, a Irmã me chamou e lhe dei a Unção dos enfermos. Percebemos que escutou, mas não pôde responder.

No dia 16, levei-lhe a Comunhão e perguntei se a queria. Com muito esforço, conseguiu dizer: Quero. Foi sua última palavra. Deixou-a, com medo de que não a pudesse engulir, mas devagarzinho o conseguiu.

De tarde, a Irmã Diretora me chamou, pois ele se apresentava agitado. Demos ainda a Benção de Na. Sa. Auxiliadora. Chamando com voz forte, ele ainda escutou e abriu por uns instantes os olhos. As três horas da madrugada do dia 17 de janeiro ele deu o último suspiro e deixou este mundo como adormecendo.

De manhã às oito horas, rezamos por ele a Missa do povo e pela tarde, outra Missa, esta de corpo presente, seguida pelo enterro. De noite, todos se juntaram na igreja para rezar por ele o Têrço do Rosário.

Agradecemos aqui de coração à Irmã Diretora e à Irmã Sandra, pois por um ano e meio elas cuidaram do Sr. Francisco com extremo desvelo.

de Dom Massa, a quem fazia os pedidos para manter a dispensa sempre provida do necessário, pois as remessas só chegavam uma vez por mês. Graças à dedicação do Sr. Ribeiro, jamais faltou o necessário para a alimentação dos alunos e alunas, que na época eram mais de duzentos.

É dessa época, e precisamente em Barcelos, a primeira tentativa de Dom Massa de organizar, com o auxílio do Sr. Ribeiro, uma Cooperativa administrada pelos próprios caboclos da região. A tentativa não surtiu efeito, mas o esforço é digno de ser notado.

Com a mudança do Prelado, o Sr. Ribeiro pediu para voltar entre os sempre estimados Tucanos, desejo este satisfeito pelo Inspetor Pe. Miguel Ghigo, em 1965. Vemo-lo então em Pari-Cachoeira, já meio combalido de forças pelos muitos anos de trabalho no Rio Negro na época difícil e heróica que foi a do início dos principais centros de Missão e das grandes obras levantadas ali por Dom Pedro Massa.

Viveu nessa Missão do rio Tiquié por 17 anos, até à morte. A princípio, supervisionando a limpeza da casa e como assistente do pátio e do refeitório. Conservava como sempre o bom humor, externado pelas conversas cheias de sadias "piadas".

Nos últimos anos, devido à idade, à surdez e à fraqueza nas pernas, passou a tomar conta apenas do refeitório dos Salesianos. Caminhava devagar, com seu bastãozinho entre as mãos, rezando sempre. Tinha já completado 84 anos quando uma queda sobre um degrau de cimento lhe causou fratura do fêmur. Levado por mim de avião até São Gabriel, os médicos constataram que devia se submeter a delicada operação, possível só em Manaus. Acompanhado a Manaus pelo Pe. Inspetor, foi internado no Hospital da Beneficente Portuguesa e superou felizmente os perigos da operação. Porém, sua idade não permitia mais uma perfeita ligação dos ossos. Após três meses de cama no Colégio Dom Bosco, assistido desveladamente pelos aspirantes do Centro Vocacional vizinho e pelos salesianos da casa, voltou para Pari-Cachoeira munido de uma cadeira de rodas. Nela percorria às vezes os pórticos do hospital, onde passou a viver, visitado diariamente pelos Salesianos e cuidado com carinho e sacrifício sem igual pelas